

HERMENÊUTICA NEGRA

0.0. Introdução

O que queremos propor quando falamos em hermenêutica negra? O que entendemos por hermenêutica?

A *priori* são relevantes as perguntas enunciadas para o nosso ponto de partida. O presente artigo tem como propósito abordar a hermenêutica negra, seu discurso filosófico, teológico e antropológico. Quando falamos em hermenêutica negra, buscamos resgatar e desdobrar teologicamente e filosoficamente a história do negro em uma sociedade bíblico-judaica arcaica, como também, na sociedade pós-moderna.

Para entendermos a hermenêutica negra, precisamos entender a história dos negros, desde a África.

Conhecer sua realidade a partir de 1500 desde a colonização europeia no continente africano, como também no Brasil. O estigma da escravização é presente nos “guetos” e bairros aonde a maioria é negra desempregados em escala maior. São perceptíveis aos negros, que brancos ganham financeiramente melhor, que suas escolas são melhores, que (as populações brancas) tem melhor formação acadêmica, etc. Aos negros, sobejam-lhes os empregos mais chulos, isso devido à falta de uma boa formação, porque as condições financeiras não os permitem frequentar boas escolas e universidades.

Poucos são os negros no Brasil que gozam desse privilégio. Os censos de estatísticas, já por várias ocasiões, mostraram a grande disparidade de desigualdades entre (as populações) brancas e negras em vários segmentos da sociedade brasileira.

É necessário entendermos primeiro a história do negro, seja esse afro-brasileiro, afro-americano ou afro-indu, etc. Os negros onde estiverem serão sempre alvos de racismo e de chacotas-históricas, porque sua história, seu passado ainda é um pesadelo...

James Cone vai dizer: “naturalmente, é possível supor que a religião negra e a religião branca são essencialmente a mesma, visto que foi o povo branco que apresentou o ‘cristianismo’ ao povo negro”¹.

Ao falarmos da hermenêutica negra, queremos falar justamente da religião dos negros, sua visão sobre Deus e a dinâmica da sua fé. Existe uma fé para os negros? Um Deus para os negros? James Cone nos ajuda a pensar sobre esses assuntos.

Ao longo da história, os negros são vistos como indigentes, sem alma na visão de muitos brancos cristianizados, sem espírito e sem salvação eterna em Cristo.

Interessante que o cristianismo católico no Brasil em Angola, vai catequizar os índios e os negros, mas ela é excludente, muitos cristão-católicos tinham escravos negros e estes tinham que abandonar suas tradições africanas, assim como suas religiões (tradição religiosa). As religiões dos negros são vistas como diabólicas. São desprezadas. Por conta disso, o negro precisava se cristianizar para ser visto como um indivíduo de bem, de alma limpa ou purificada como assim os colonos chamavam. O Branco vai ser aquele que será o interprete das Sagradas Escrituras para o negro, as regras de interpretação são feitas pelo homem branco, “detentor”! Do conhecimento teológico, que vai dizer para o negro de que (a) forma como (deve) tem de olhar a sua fé, Deus e ele mesmo...

O uso da linguagem foi à forma de manipulação da leitura e interpretação da Bíblia aos negros, como forma de dominação. A dominação está intrinsecamente ligada a hermenêutica filosófica e antropológica. A idéia da ontologia superior mostra que o domínio da ciência está nas mãos do europeu branco. Ao negro deve apenas obediência e submissão ao seu senhor...

A hermenêutica negra quer resgatar a obscondidade da linguagem opressora branca, os símbolos e signos bíblicos que precisam ser des-significados (ressignificados) no olhar do negro da negra. A des-significação da linguagem tradicional será aqui o nosso interesse para a compreensão da temática que vamos abordar.

¹ CONE, James. **O Deus dos Oprimidos**, p. 18.

Entende-se linguagem como o código da fala de um determinado povo, grupo ou sociedade. Como a Bíblia foi escrita em contexto longe do nosso, é preciso ser interpretado e reinterpretado ao nosso contexto, (de acordo com a) realidade de vida de cada ser... Herdamos uma tradição (de interpretação) interpretativa bíblica, que deve ser revista e discutida.

A linguagem das teologias, principalmente as sistemáticas, tem seu domínio lingüístico europeu-branco e “inquestionável” pela tradição cristã.

A hermenêutica negra vai surgir em resposta a muitas perguntas que se levantaram na história do cristianismo e sentindo na pele que o mesmo branco que apresenta o “cristianismo” é o mesmo opressor, excludente e racista. Falam da unicidade de Deus para todos os povos, sem exceção de povo ou raça, todavia, não se percebe isso como verdade em nossas comunidades cristãs. Ainda enfrentamos muitas diferenças de convivências multirraciais dentro das nossas comunidades, e a verdade é que o branco sempre dificultou e dificulta a vivência multirracial. Ele classifica quem são os melhores homens e mulheres na comunidade. Mas estes melhores fieis são os “brancos”.

1.1. Hermenêutica como pensamento filosófico

A palavra hermenêutica de uns tempos para cá está na moda. Seu significado, no entanto, parece não ser muito preciso.. Em muitos casos esse termo poderia ser substituído por palavras mais simples, como interpretação ou exegese.

A dificuldade de falar corretamente de hermenêutica provém do fato de que, de objetivo qualificativo, suscetível de se articular com vários substantivos, o termo foi transformado em substantivo, dando a entender que designa uma atividade bem determinada, apta para ser aplicada a tal objeto. Na realidade, hermenêutica designa antes uma orientação, mais geral da pessoa, caracterizada pela preocupação de atingir o sentido, isto é, a verdade de qualquer objeto.

Originariamente, a palavra, na sua forma adjetiva, estava associada a um termo de complexo termo grego *téchné*, vendido para o *Latim* como *ais*, e que, nas línguas latinas, deu várias palavras: ante, técnica, disciplina... A *ais* hermenêutica, a

hermeneutikè téchnè, é o conjunto dos caminhos pelos quais se pode atingir ou traduzir a significação de qualquer realidade, assim como exprimir a reflexão, mais ou menos formalmente elaborada, a respeito desses caminhos.

Herméneuein, como efeito, significa, em grego, exprimir, explicar, interpretar, traduzir. Hermes, o mensageiro divino encarregado de tornar conhecido e compreendido o pensamento dos deuses. Atribuía-se-lhe a invenção do que serve para comunicar, principalmente da linguagem e da escritura. Era também do comércio, ou seja, presidia a comunicação.

Dizer que a hermenêutica caracteriza uma “arte” que ao mesmo tempo é sempre técnica, é ensinar que ela não tem como finalidade nos fornecer simples instrumentos, ou “passos de mágica” que seriam aplicados mecanicamente. Ela tem antes como escopo nos educar no sentido de fabricarmos nossos instrumentos, ao mesmo tempo que reconhecer-lhes o alcance, sempre limitado. A exegese situar-se-ia mais no campo da ciência aplicada. Designamos hermenêutica no uso mais corrente como a teoria de interpretação. Esta definição respeita à especificidade do termo hermenêutica, mas não precisa, é claro, como se pode ou se deve compreender e elabora essa “teoria”. Poder-se-ia defini-la como a pesquisa das condições “a priori” de uma justa exegese. Se designarmos, o que ainda é concebível, para “*ars interpretandi*” será necessário, não somente prestar muita atenção ao complexo significado do termo cativo “ars”, como também, fazer aí, forçados pelas exigências críticas de nosso tempo, uma reflexão sobre o alcance respectivo das diferentes demarques, filosóficos, históricas, psicológicas, espirituais, que estão implicadas, bem como a respeito de sua arquitetura interna. Para realçar seu significado mais usual, poder-se-ia definir a hermenêutica como a teoria da verdade, das condições de sua abordagem e dos “níveis” nos quais ela pode ser atingida e se manifestar, “*vérité et méthode*”.

Segundo Gadamer², poderíamos designar a hermenêutica como teoria da “tradução”, e logo no sentido mais lato, da “tradução”, da comunicação ou, em categorias propriamente cristãs, da missão. As exigências da reflexão hermenêutica manifestam-se, em primeiro lugar, em frente à revelação atestada na Sagrada Escritura.

² GRADAMER, H. G. *Esquisse d'une hermenéutique philosophique*, Tubinga, 1960.

O pressuposto implícito dos exegetas é de que a verdade do cristianismo está contida num texto, a Bíblia, e de que ela pode ser reconstituída por métodos científicos. A exegese é o lugar de passagem obrigatória para chegar a essa verdade, que é identificada com o conteúdo de texto passado. É mérito da hermenêutica filosófica, depois de Dilthey, ter posto em discussão as pretensões do saber histórico no sentido do positivismo e ter mostrado que não pode haver reconstituição do passado sem interpretação viva condicionada pela situação presente. Desde Karl Barth, a teologia é hermenêutica que se esforça por fazer falar a palavra de Deus para hoje.³ Bultmann, apesar de censurar Barth, por dar pouca importância ao estudo da história, que pretendia chegar ao conhecimento existencial, isto é, um conhecimento interpretativo inseparável da auto-interpretação do sujeito, é o único conhecimento histórico autêntico, à diferença do conhecimento objetivamente histórico.

Depois dos trabalhos de Gadamer⁴ e Pannenberg⁵ sabemos melhor que a própria contestação do historicismo pela hermenêutica existencial é prisioneira da problemática kantiana, que separa a ordem dos fatos (objeto das ciências da experiência) da ordem do sentido ou do valor (objeto de uma ética e de uma metafísica).

A teologia protestante, para escapar aos desvios do historicismo, encareceu a autoridade sobrenatural da palavra de Deus, sem recorrer ao critério da história. Chega-se assim, a uma distinção **curiosa (pág. 4b)** entre a tarefa do exegeta-historiador e a do hermeneuta-teólogo. O primeiro procura o sentido do evento a partir de seu contexto histórico. O segundo se esforça por atualizar o sentido do evento passado para os dias de hoje.

A constatação do saber histórico no sentido do historicismo abalou, pois, a segurança da teologia tipo fundamentalista, que pretendia chegar diretamente à palavra de Deus pela escuta literal da palavra das escrituras. A teologia enquanto hermenêutica deve levar em conta, em sua interpretação da mensagem cristã, seja ela evangélica seja dogmática, a análise crítica das condições de produção de toda linguagem. Ela não pode mais contentar-se com seu discurso espontâneo e auto-

³ H. G. GRADAMER, *esquisse d'une herméneutique philosophique*, Tubingras, 1960.

⁴ H. G. GRADAMER, *Le problème de la conscience historique*, Loraina, 1963.

⁵ *Hermeneutik und Universal geschichte*, in *Grund fragen sistematicheer Theologie*, Göttingen, 1967, p. 91 – 122.

afirmativo. A partir de análise sócio- política, ela deve discernir a função ideológica que seu discurso pode exercer.

Deve também entregar-se a uma leitura sociológica das diversas mensagens eclesiais, levando em consideração uma análise rigorosa das estruturas de comunicação e de produção das mensagens na sociedade. Ela ainda pode interrogar-se, num novo esforço simbólico da linguagem silábica ou dogmática a partir da análise psicanalítica. Tudo isso nos mostra que o diálogo da teologia com as ciências humanas pressupõe sempre em primeiro lugar, um debate epistemológico. Podemos definir a teologia hermenêutica atualizante da palavra de Deus. A teologia não é um saber constituído ante viver da práxis da fé e da caridade dos cristãos. Ela é o lugar e o instrumento da interpretação da Escritura.

A teologia enquanto teologia não da práxis não pode contentar-se com interpretar de outro modo a mensagem cristã. Ela criadora de novas possibilidades de existência, por essa razão o filósofo alemão discípulo de Schleiermacher, Wilhelm Dilthey⁶ vai dizer: “para compreender corretamente certo texto é necessário que se tenha em mente toda a experiência de vida manifesta no texto”. Neste sentido, Dilthey é a transmissão entre a hermenêutica de Schleiermacher⁷ e a de Heidegger. Para Dilthey, a historicidade da existência é crucial a interpretação, o que aparece em Heidegger que será importante. Bultmann não aceita o psicologismo de Schleiermacher. Que importa para Bultmann é a pré-compreensão do leitor. Esta pré-compreensão determina a pergunta que se faz ao texto e o permite dizer algo. Para o existencialismo, o objeto de estudo da história é a existência humana no mundo. A participação do sujeito conhece, no objeto do conhecimento. O próprio Heidegger afirma que o *da sein* é primeiramente histórica. Outro pressuposto básico da hermenêutica existencialista é que a análise de documentos históricos visa a promover a outra compreensão. Se, como Heidegger afirmou, o ser humano é histórico, a partir do momento que se entende essa história, a possibilidade de auto-compreensão é maior. Bultmann⁸, por sua vez adota este princípio existencialista na hermenêutica mitos neotestamentários. A hermenêutica existencialista é que a história está primeiramente preocupada com possibilidade. Esse axioma está presente no ser e tempo de Heidegger. Heidegger sustenta que a história tem como tema as

⁶ Wilhelm Dilthey. London, Routledge and Kegan Paul, 1969.

⁷ Cf. Schleiermacher, Friedrich. Hermenêutica. Arte e Vida. Petrópolis. Técnicas da interpretação. Tradução: Celso Reni Braidá, Vozes, 2000.

⁸ Bultmann, R. History and Eschatology. p. 130.

possibilidades de existência e, assim, está orientada para o futuro. A interpretação existencialista busca interpretar histórias que podem ser interpretadas.

Faça-se necessário falarmos e descortinarmos sobre hermenêutica como pensamento filosófico devido as suas complexas interpretações herméticas e os caminhos que a mesma percorre no decurso da filosofia e o da teologia. É necessário abordarmos também a fim de entendermos a Hermenêutica Negra, seus pressupostos teológicos e filosóficos, sua história e historicidade no mundo pós-moderno, sua fala e sua linguagem como ciência hermenêutica Negra.

2.2. Hermenêutica Negra – Práxis da graça

Até o começo dos anos 60 não havia sido publicado nenhuma teologia Negra, nenhuma teologia Feminista, nenhuma teologia da Libertação latino-americana e nenhuma teologia asiática. Certamente, não havia nenhuma teologia gay ou mulherista em processo de publicação.

Havia, obviamente, teologias ou tratados teológicos escritos por mulheres e por negros. Sem dúvida, gays e lésbicas tem escrito teologia cristã desde o começo da igreja, mas eles e elas não identificavam seus pontos de partida teológicos como as experiências que faziam de seu corpo e sua mente.

Nos anos 90, as convenções entre africanos, sul-americanos e asiáticos começaram a abrir caminhos para dentro da convenção teológica 'geral'. Estas teologias de 'movimentos' ou teologias 'contextuais', como alguns escolheram chama-las, em alguns casos são tentativas de adicionar algumas texturas às convenções teológicas que estão acontecendo no mundo acadêmico. Em outros casos, elas representam uma rejeição gritante da maneira que a teologia tem sido feita na última metade do século vinte.

Pessoas Negras e algumas mulheres européias e euro-americanas decidiram que, por serem sistematicamente excluídas das discussões acadêmicas que se compreende como a corrente central da teologia, ignorariam esta discussão em diferentes níveis. Qualquer pergunta teológica que tenha uma experiência humana específica como o seu ponto de partida é considerada suspeita. George Lakoff e Mark Johnson "indicam que tudo que sabemos, sabemos baseados nas nossas experiências corporais". Por esta razão, a tarefa

do teólogo, como membro do povo de Deus, com suas experiências peculiares, alcançando também pela graça salvífica de Cristo – Deus deve esse/a tornar claro que a igreja crê e faz em relação à participação dela na obra libertadora de Deus no mundo. Fazendo isso, o teólogo/a negro/a age nas funções de um exegeta, hermeneuta, tornando-se profeta, mestre, pregador e filósofo na mensagem da cruz.

A cruz é a graça da práxis que acolhe a todos/as, reconhece que em Cristo a humanidade torna-se irmão/ã sem diferença de cor, ou de credo. O teólogo/a negro/a reconhece que a Bíblia é a fonte da inspiração divina, de que ele também se encontra engajado nos planos da salvação divina. Ser um exegeta-hermeneuta Negro/a da Bíblia ou das Escrituras Sagradas, significa que o/a teólogo/a reconhece a Bíblia, o testemunho da palavra de Deus, como fonte primária do discurso teológico.

As Escrituras Sagradas na sua experiência como discurso humano, são acima de tudo a palavra de Deus aos oprimidos e humilhados deste mundo. O branco negou essa graça ao negro, ao ‘reconhecer’ que negro não tem alma, não tem espírito e através de uma simples catequese, ou batismo, o negro passaria a ser um indivíduo do bem, com a alma ‘branca’. A graça e a práxis dos seres humanos, tiveram caminhos desconhecidos. Todos precisavam dessa graça. Aqui o branco está excluído por uma questão ontológico-pecadora. O apóstolo Paulo, já fez menção em uma de suas cartas, quando disse: “Que todos nós éramos como ovelha perdida, cada um vivia na suas práxis existenciais, e de que a graça estava longe desses, como também estava próxima”. Dependia apenas da aceitação de receber ou não a graça como dádiva para a salvação. O teólogo Negro é um proclamador da palavra, a verdade aqui não é a verdade filosófica, mas da verdade bíblica, a verdade que proclama libertação aos oprimidos, aos pobres e aos miseráveis da terra. Aqui o teólogo Negro recebe o caráter apaixonado da linguagem teológica. Ela é uma linguagem de celebração e alegria de que a liberdade prometida – a graça – já está presente na luta da comunidade pela libertação da verdade. Como teólogo Negro, a hermenêutica é sua práxis de vida, e observador das interpretações alternativas do significado da vida. Ele sabe que o Evangelho não pode ser dado como certo, não pode ser aceito sem o teste continuado da vida em luta. O lado filosófico da tarefa teológica nos mantém intelectualmente honestos e abertos a outras perspectivas. Ele nos previne contra o dogmatismo autoritário branco e fornece a base para o diálogo com outro tipo de visão e fé.

O hermenauta Negro sabe que a morte de Cristo no madeiro tem implicações radicais para os que são escravizados, linchados e colocados em guetos em nome de Deus e da 'pátria'.

Ludwig Feuerbach está correto em sua afirmação de que “o pensamento é precedido pelo sofrimento” e Karl Marx, parcialmente correto em sua observação de que “não é a consciência que determina a vida, mas é a vida que determina a consciência”. E então é apropriado perguntar: qual é a conexão entre vida e teologia? A resposta não pode ser a mesma para negros e brancos, porque negros e brancos não participam da mesma vida. A vida de um escravo negro e a vida de um senhor de escravos eram radicalmente diferentes. Seque-se que a práxis e a graça que seus pensamentos e sua experiência de vida e também divina, seria diferentes, mesmo que às vezes pudesse usar as mesmas palavras sobre Deus.

A vida do senhor de escravos e a de outro daquela cultura eram a da desumanidade branca estendida a torturantes limites, envolvendo a escravização de africanos e o aniquilamento de índios. A vida do escravo era o navio negreiro, o *cepo do leilão* e o regime da fazenda. Ela envolvia a tentativa de definir-se sem as possibilidades históricas comuns de auto-afirmação. Por isso, quando o senhor e o escravo falavam sobre Deus, em parte eles não podiam se referir a mesma realidade. A práxis é diferente uma da outra, a graça é o paradoxo da linguagem teológica branca. Causando assim perplexidade da própria graça. Aqui já não seria a própria graça, e sim *graxas*. Para o hermenauta negro/a deve reconhecer a particularidade da religião negra. Ele/a deve imaginar o seu caminho no meio ambiente e na índole dos escravos negros, sondando a linguagem e o ritmo de um povo que tinha de 'sentir o seu rumo ao longo do curso da escravidão'. Suportando o *stresse* da escravidão humano-branca, embora o negro sempre tenha lutado para afirmar sua humanidade. Consciente de que as experiências vividas no corpo da história até presente momento são dolorosas, e ainda lhe são negadas suas práxis da graça. Por esta razão a urgência de rever a hermenêutica classista-branca do século XVII ao século XIX.

A teologia Negra, como a hermenêutica Negra, deve descobrir as estruturas e formas de experiência negra, porque as categorias de interpretação devem originar-se das formas de pensamento da experiência-práxis-graça-negra em si. Se o Evangelho significa libertação, liberdade, desta feita, o evento da proclamação deve ser revelado a todos os

oprimidos. A pregação da palavra deve ser a corporificação da liberdade. Quando a liberdade é uma constituinte da linguagem em si, então, essa linguagem recusa-se a estar presa às limitações de categorias não inatas ao seu ser. Na hermenêutica Negra, a palavra fica incorporada no ritmo e nas emoções da linguagem quando o povo-negro responde coletivamente ao Espírito que está em seu meio. Esse Espírito é para nós também a graça, e não *graxas*, e a vivência aqui é na comunidade negra. A práxis e a graça fazem parte de toda vivência e experiência da comunidade negra. A graça é chamada, sagrada sempre, para absorver as dores, os sofrimentos de um povo, que está à mercê sempre do racismo-branco. A situação ainda piora quando este/a negro/a está fora da sua comunidade ou seu habitat.

“Só quem reconhece que está perdido pode ser encontrado. Só meu lado doente e errado pode ser transformado. Esse é um dos paradoxos do Evangelho: Todos foram destituídos da glória [Perderam a glória] para poderem ser encontrados pela graça”⁹. A graça veio para todos. Embora cada indivíduo tenha a sua história e experiência, a graça não é excludente, é includente. Assim, para os negros, não é diferente. Diante da imposição simbólica de que os negros não produzem idéias, teologia e tecnologia. O projeto hermenêutico negro/a, como projeto político-teológico-filosófico, quer possuir uma cosmovisão que permite resgatar valores e idéias de uma sociedade igualitária, onde o diálogo interétnico, interteológico, seja construído partir das diferenças, e não por fim delas, e onde a religião, na sua dimensão política, é um ingrediente articulador. O nosso projeto de hermenêutica, tecido desde a linguagem que subverte valores ‘mágica’ da hermenêutica classista que aponta valores teológicos que também são vitais a humanidade e que dão respostas à perda de identidade e a angustia existencial dos negros e a humanidade de modo geral, à medida que nos afirma a pessoa com seu valor em si mesma e não como unidade de produção, e a terra não como reservam de valor, mas como espaço vital. Na hermenêutica Negra, estamos propondo a abertura do diálogo com outras ciências e correntes teológicas. Não é uma hermenêutica racista, mas entendemos de que brancos e negros não gozam da mesma experiência e graça teológica. Ainda são excluídos/as das comunidades confessionais. A hermenêutica Negra não é a solução para o problema da práxis da graça, mas vai apontar caminhos e despertar no negro/a de que é possível fazer uma teologia que tem haver com a história e a vivência do negro e da negra.

⁹ WONDRAČEK, Karin. H. K. A caminho da Graça. Ed. Ultimato. p. 26-27

3.3. Hermenêutica Negra – Transmitização no olhar existencial de Bultmann

A palavra transmitização é um conceito cunhado por Paul Tillich, “despindo o kerygma das vestes expressivas tradicionais, substitui o termo transmitização por remitização, em que se lhe dá vestes novas e atuais. O autor demitiza o conceito tradicional de Deus como ser supremo, e o remitiza com o conceito de ‘fundamento do ser’”.¹⁰

A tese de the New Being é que se Cristo é apresentado como Novo ser, a mensagem cristã voltará a atrair também o homem moderno. O cristianismo é a mensagem da nova criação, o novo ser, a nova realidade que se manifestou com a vinda de Jesus, que por essa razão e só por essa razão é chamado de Cristo. Com efeito, o Cristo, o Messias, o eleito e ungido, é aquele que traz o novo estado de coisas. Entretanto, para que o novo ser possa adquirir a eficácia que tinha quando se manifestou pela primeira vez, há dois milênios na Palestina, é preciso libertá-lo dos esquemas mentais em que foi fechado, das práticas superficiais de que foi circundado através dos séculos e restituir-lhe sua originalidade.

Bultmann¹¹ no ensaio O cristianismo como Religião do oriente e do ocidente, sustenta que o êxito do cristianismo deve-se à nova compreensão da existência humana pregada por Cristo. “A essência mais íntima do cristianismo encontra-se aqui: Deus se revela no crucificado”.

A palavra de Deus conclama o homem a renunciar ao seu egoísmo e à segurança ilusória que construiu para si. Conclama-o a voltar-se para Deus que está além do mundo e do pensamento científico. E o conclama ao mesmo tempo a reencontrar o seu verdadeiro eu.

O eu do homem, com efeito, a sua vida interior e a sua existência pessoal, também estão além do mundo visível e do pensamento racional. A palavra de Deus interpela o homem em sua existência pessoal e, assim. Torna-o livre das preocupações e da angústia que o sufocam quando se esquece do além.

¹⁰ TILLICH, Paul. E la Transmitizzazione del cristianismo, Kurim. 1967. The New Being. p. 15. *Ibid. Das Christentum als orientalische und als abendländische Religion in Glauben verstehen*, Tübing, 1965. (dúvida!!!).

¹¹ BUTLMANN, Rudolf. Hermeneutik in Glauben und verstehen, V, p. 211. Jesus Christ and Mythology.

No método histórico das formas, o objetivo da investigação não é mais para Cristo em si mesmo, mas o Cristo como aparência para a comunidade primitiva. Para descobrir a representação que a comunidade primitiva tinha Dele, o método histórico das formas analisa os Evangelhos, separa os elementos que os compõem, segundo os vários gêneros literários, depois reagrupa-os novamente e, de tal modo, obtém diversas apresentações de Cristo, ditadas pelas múltiplas exigências da comunidade primitiva (exigências catequéticas, polêmicas, apologéticas, exorcistas, missionárias, etc.). Por fim, através da análise de tais representações, procura estabelecer qual era a tradição cristã primitiva. Existência em Bultmann – entende-se que o ser em si mesmo – tem sua compreensão e valor em si mesmo. Não precisa ser interpretado ao menos que sua existência lhe é negada. Existência - como sua história, como diz Harnek. É na história de existência que reinterpreta o ser. Por muito tempo o negro não era visto como o ser em si, mas reinterpretação do homem branco. O homem branco sempre se considerou superior ao negro. Seus olhares e juízos sobre o negro era da estigmatização ontológica.

A Bíblia relata a manifestação de Deus como libertador na contidianeidade dos oprimidos, oprimidas sem etnia, mas sua situação existencial é de opressão e exclusão. É um Deus que escuta e atua junto com eles/a na transformação da história. Este é o motivo condutor que atravessa toda a Bíblia, desde o Antigo até o Novo Testamento.

Nas práticas de fé, nas várias manifestações religiosas, na vida cotidiana, no enfrentamento com uma sociedade de exclusão, há também lugares de experiência de Deus. Um Deus que não só se revele como pai, mas também como ‘mãe’, como ‘terra’, como ‘irmã’ e ‘irmão’, como ‘amigo’ e ‘amiga’. Um Deus que come com o pecador, convida ao banquete em sua mesa, e que se faz comida, o pão que desceu do céu, um Deus que celebra a vida e luta, se manifesta na natureza e na vida simbólica. Como Deus real que atua e se faz vivo nos corações dos homens e mulheres, que o recebem e o aceitam como autor supremo do cosmo e doador da vida. É um Deus que também se manifesta na comunidade dos negros/a, um Deus que se revela para um homem e uma mulher negra. Um Deus que é pão sustentador na comunidade negra, que assiste o sofrimento dos excluídos. A transmissão em Paul Tillich, quer nos dizer que o kerygma veio anunciar as suas boas novas não só para os judeus e os europeus, como também para os negros, e todos os que são excluídos dessa mensagem. Por esta razão Bultmann insiste de que a existência humana é toda existência em si mesma, ou seja, todos somos históricos não alguns a - históricos, como pretendiam fazer os

colonizadores na África. Os africanos não tinham “história, passado, presente e futuro”. Não tinham “civilização”, foi-lhes negado seu passado, e ainda luta para sobreviver seu presente. E o presente ainda não é satisfatório nas comunidades negras. Na comunidade primitiva, tanto judeus como gregos, viviam unidos, e unidos no kerygma, aceitavam-se como irmão e co-irmão de Cristo, reunidos com a mesma finalidade. Finalidade esta que vai permear a boa convivência fraterna com irmãos/ãs, e como mensageiros das boas novas do *Kristós*. Penso ser essa ainda a visão do *Kristós* na comunidade cristã.

4.4. Conclusão.

Traçar uma hermenêutica Bíblica Negra não é uma tarefa fácil. Quiçá, o que colocamos aqui são alguns pressupostos que partem de nossas experiências de releituras bíblicas e trabalho popular com as comunidades negras. O trabalho científico das pesquisas é também nossa ferramenta como prova do que afirmamos ora aventado acima. Uma hermenêutica bíblica a partir da realidade do povo negro exige enfrentamento com as eclesiologias tradicionais na busca de novas maneiras de ser Igreja, com uma cristologia que historicamente tem sido construída a partir de uma ideologia branca e masculina. No entanto, o modelo de cristologia, onde a pessoa de Jesus Cristo é o único pressuposto da revelação, com uma liturgia que não leva em conta as manifestações religiosas do povo negro e que ignora suas expressões corporais, sua mística e suas tradições míticas, considera como único ponto de partida para a celebração aos pressupostos ocidentais.

A hermenêutica negra não pode ser entendida como problema de cor de pele, mas como uma causa ‘política’. Assumir a causa negra é assumir um processo de libertação que implica transformações sociais radicais, onde todas e todos possamos participar com nossas particularidades culturais e nossas contribuições fundamentais para uma sociedade que não discrimina nem marginaliza o sexo, a idade, a raça, etc.

Ninguém tem o direito de privar ou negar a existência de outrem; muito pelo contrário, todos somos filhos e irmãos do mesmo pai, aquele que tudo criou e fez. Negar o outro é diabolizar aquilo que é mais sagrado para Deus, o HOMEM.

Sola Escripura

5.5. Bibliografia

ALEXANDRE, Pastor Félix. O Reino e a História. Problemas teóricos de uma teologia da práxis. São Paulo, SP, Ed. Loyola, 1982.

CONE, James. H. O Deus dos oprimidos. São Paulo, SP, Ed. Paulinas / Câmara Brasileira do Livro, 1985.

CORETH, Emerich. Cuestiones fundamentales de Hermenêutica. Barcelona, 1972.

Futuro da teologia. F. Refonté, C. J. Geffré, J. M. Poheir C. Duquoe. São Paulo, Sp, Ed. Duas Cidades, 1970.

GREFFRÉ, Claude. Crer e interpretar. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2004.

GREFFRÉ, Claude. São Paulo, SP, Ed. Paulina, 1989.

GUILHERME, Blehl João. De igual para igual. Petrópolis, Ed. Vozes, 1987.

MARACHIN, Joci C. (coordenador). Exercício de hermenêutica. São Bernardo do Campo, SP, Brasil. Ed. Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciência da Religião – IMS, 1985.

MENÉ, Marlé. Hermenêutica e catequese. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1973.

MODIN, Battista. Os grandes teólogos do século vinte. São Paulo, SP, Ed. Teológica, 2003.

MOLTMANN, Jürgen. Teologia da Esperança. São Paulo, SP, Ed. Teológica, Edições Loyola, 2005.

PIEPER, Federico Pires. Linguagem mitologica e hermeneutica: relação entre o projeto de desmitologização e o simbólico. Pós-Graduação em ciências da Religião para obtenção do grau de mestre. São Bernardo do Campo, SP, abril de 2003.

RAHNER, Karl. O cristão do futuro. São Paulo, SP, Ed. Novo Século, 2004.

RICOEUR, Paul. História e verdade. Rio de Janeiro, RJ, Ed. Forense, 1968.

RICOEUR, Paul. Teoria da Interpretação. Lisboa, Portugal, Ed, 70, 1987.

SILVA, Antonio Aparecido da. Teologia afro-Americana, Antonio Aparecido da Silva (org.) II Consulta Ecolúmica de Teologia e culturas Afro-Americanas e Caribenha, ATABAQUE-ASETT, Ed. Paulus.

STUZI, Marisa. La auséncia de toda rosa: desconstrucion, hermenéutica y teologia. Buenos Aires, Licenciada em teologia en el ISEDT, 2000.

Teologia Afroamericana y Hermenéutica Bíblica, Guasá, Grupo de Teologia Afroamericana, Bogotá, Colômbia, 2001.

Teologia Orgânica. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1986.

TOINEI, Bernard. O sol de Deus na Tanzânia. São Paulo, SP, Ed. Loyola, 1982.

WONDRACEK, Karin H. K. Caminho da Graça. Viço, MG, Ed. Ultimato, 2006.

Autor: Pedro Paulo Ramos Ventura, Pastor, Teólogo, e licenciando em Filosofia, pela Universidade Jesuíta, São Leopoldo- RS, Brasil..
